

17/9/1986

O sonho dos filhos da bóia-fria

Ouhydes Fonseca

Sertãozinho (SP) — O gesto com o facão que corta o pé de cana não é muito diferente do bastão (stick) batendo na bolinha preta do hóquei sobre patins. Passar de um para outro, contudo, pode significar a troca de um futuro de pobreza por uma vida bem mais digna. E é com isso que sonham os meninos pobres de Sertãozinho, na maioria filhos de bóias-frias. Para ir atrás desse sonho eles fazem sticks improvisados com cabos de vassoura, imitam os ídolos nas ruas dos bairros mais afastados e acorrem com espantoso crescimento às escolinhas de hóquei que proliferam na cidade.

Eles podem estar, por exemplo, na escolinha da Usina São Geraldo, franzinos, mal vestidos mas com uma incrível vontade de suportar horas e horas de exercícios para aprender a andar sobre os patins, até que, finalmente, possam usar os sticks, bater na bolinha e, glória suprema, fazer um gol ou, já mais crescidos, formar nos times de mirins, infantis e juvenis, como o goleiro Marcelo Ribeiro, de 16 anos, ou o defesa Fábio Pereira, de 14 anos, já campeões paulistas.

Eles são apenas alguns exemplos dos cerca de 500 garotos que freqüentam as escolinhas e times de hóquei mantidos pela prefeitura, empresa e usinas de açúcar e álcool, desde que Sertãozinho, desiludida com o futebol, descobriu o hóquei como seu esporte favorito, a ponto de transformar-se na capital paulista e brasileira da modalidade. Na Usina São Geraldo, através da associação desportiva classista, quase 50 meninos aprendem e jogam sob orientação de Maurício Roque, da Seleção e principal jogador do Brasil. Ali eles recebem material completo, alimentação e, quando a idade permite, emprego regular na própria usina, que os libera para treinos e jogos. Só no setor de hóquei, a usina investe Cr\$ 20 mil por mês, como informa o encarregado de promoções do clube, Manoel Fábio.

Marcelo apareceu por lá levado por um amigo do pai, o goleiro Xixa, seu primeiro treinador. "Eu não sabia patinar muito bem e, por isso, já cheguei a fim de ser goleiro. E não me arrependo. Agora, só quero jogar cada vez mais para chegar Seleção". Aos 16 anos, nascido na própria cidade e de família pobre, Marcelo faz a sétima série do primeiro grau, à noite.

Já o defesa Fábio, digno seguidor de seu ídolo Leopoldo, do Sertãozinho e da Seleção, com um jogo de colocação mas com vigor, nasceu em Araçatuba e trabalha na usina, como apontador. "Nunca gostei de futebol. Por isso me dediquei bastante ao hóquei, quando o Duda (técnico do Sertãozinho) me convidou para entrar na escolinha em 1980".

(Página 26)